



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Priscila Oliveira dos Anjos

Próxima parada: Monte Serrat
O itinerário da recente história do Transporte Coletivo na
comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo
no primeiro semestre de 2016
Orientador: Prof. Mauro César Silveira

Florianópolis
Julho de 2016

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2016.1		
ALUNO	Priscila Oliveira dos Anjos		
TÍTULO	Próxima parada: Monte Serrat - O itinerário da recente história do Transporte Coletivo na comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz		
ORIENTADOR	Mauro César Silveira		
MÍDIA		Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
		Website	
	X	Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	X	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
			(X) Florianópolis (X) Brasil () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo, Reportagem Multimídia, Maciço do Morro da Cruz, Monte Serrat, Transporte Coletivo em Florianópolis.		
RESUMO	Em 13 de agosto de 1993, foi inaugurada a primeira linha de ônibus com itinerário na rua principal do Monte Serrat, a General Vieira da Rosa, via com aproximadamente três quilômetros de extensão. Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma grande reportagem multimídia, que resgata a inserção da linha de ônibus, há somente 23 anos, com o objetivo de relatar o cotidiano dos moradores dessa comunidade antes e depois do transporte coletivo, e mostrar a relação dos usuários com o serviço oferecido nos dias atuais. O trabalho está dividido em quatro abordagens: 1) O descaso com os direitos da comunidade, 2) A luta do Conselho Comunitário e dos moradores, 3) A inauguração da linha e a conjuntura política e 4) O transporte público nos dias de hoje.		

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais Dilma Oliveira dos Anjos e Carlos José dos Anjos, minha avó paterna Cecília Maria da Silva e meu tio Julio Cesar dos Anjos por acreditarem em meus sonhos, investirem neles, respeitarem e confiarem nas minhas escolhas. Posturas essenciais para a realização deste trabalho e para o caminho que seguirei.

Agradeço aos que vieram antes de mim. Aqueles que lutaram pela implantação de cotas afirmativas nas universidades brasileiras, particularmente as cotas raciais, direito que me proporcionou estudar jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina.

Agradeço o orientador deste trabalho Prof. Dr. Mauro Cesar Silveira por me guiar, com leveza e muita atenção, em todas as etapas, da apuração a finalização desta reportagem. Assim como agradeço aos professores do curso de Jornalismo da UFSC que de alguma forma me encorajaram a encontrar, respeitar e ver potencial nas minhas características como jornalista.

Agradeço aos amigos e fontes que encontrei no Monte Serrat, particularmente ao Anderson Ferreira, que desde o nosso primeiro contato se fez disposto a auxiliar a realização deste trabalho, só um dos meus irmãos de cor que me alcançam e passam o bastão da nossa cultura e história todos os dias. Espero também ser um deles, para outros negros e negras dessa cidade.

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.

Neusa Santos Souza no livro *Torna-se Negro*

“As pessoas brancas têm uma facilidade em dizer se descendem de espanhóis, portugueses, italianos... enquanto para nós, pretos... É difícil eu sentar com a minha filha e contar uma história que vá além do meu bisavô. É como uma corrida de estafetas em que não conseguimos seguir em frente porque quem trazia o bastão para passar o testemunho ainda não chegou.”

Leandro Roque de Oliveira

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	6
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	7
2.1 O tema: escolha e justificativa.....	7
2.2 O histórico.....	9
2.3 O formato e a plataforma.....	11
3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO.....	14
3.1 Pré-apuração.....	14
3.2 Apuração.....	14
3.2.1 Fontes.....	18
3.3 Produção: texto, interface e elementos multimídia.....	21
4. CUSTOS.....	25
5. APRENDIZADOS E DIFICULDADES.....	26
6. REFERÊNCIAS.....	30

1. RESUMO

Em 13 de agosto de 1993, foi inaugurada a primeira linha de ônibus com itinerário na rua principal do Monte Serrat, a General Vieira da Rosa, via com aproximadamente três quilômetros de extensão. Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma grande reportagem multimídia, que resgata a inserção da linha de ônibus, há somente 23 anos, com o objetivo de relatar o cotidiano dos moradores dessa comunidade antes e depois do transporte coletivo, e mostrar a relação dos usuários com o serviço oferecido nos dias atuais. O trabalho está dividido em quatro abordagens: 1) O descaso com os direitos da comunidade, 2) A luta do Conselho Comunitário e dos moradores, 3) A inauguração da linha e a conjuntura política e 4) O transporte público nos dias de hoje.

Palavras-chave: Jornalismo, Reportagem Multimídia, Maciço do Morro da Cruz, Monte Serrat, Transporte Coletivo em Florianópolis.

2.APRESENTAÇÃO DO TEMA

2.1 O tema: escolha e justificativa

Os primeiros ônibus começaram a circular em Florianópolis ainda na década de 20, quando a cidade ganhou suas primeiras avenidas, como a Avenida Hercílio Luz, e recebeu sua primeira ligação por terra entre o continente e a ilha: a ponte Hercílio Luz. Porém em contramão às medidas de modernização, intensificadas pelo governo na década de 20, as comunidades de morro, tiveram acesso ao transporte público somente em 1993.

A primeira linha de ônibus nas comunidades do Maciço do Morro da Cruz foi inaugurada no dia 13 de agosto de 1993, e passou a atender a população do Monte Serrat, a maior população do Maciço (Morro do Mocotó, Morro da Mariquinha, Rua Laudelina Cruz Lemos, Vila Santa Clara, Rua José Boiteux, Rua Ângelo Laporta, Morro do Céu, Morro do 25, Morro do Horácio, Tico Tico, Morro da Queimada, Morro da Penitenciária, Serrinha, Mocotó e Monte Serrat). Entre 1993 e 1996, anos da gestão municipal de Sérgio Grando, foram criadas mais 11 linhas. A ação nomeada de Programa Transporte no Morro, pelos administradores municipais da época, entre eles, Névio Carvalho (gerente do Núcleo de Transportes), foi concebida durante a campanha municipal de 1992. O Relatório de Gestão do Núcleo de Transportes 1993-1996 traz como a gestão idealizou e realizou o programa.

A falta de transporte sempre foi um problema a mais para essas pessoas que, mesmo após um dia de muito trabalho, precisavam subir quilômetros a pé. Conhecendo a realidade, a Administração Popular encarou já no primeiro ano de governo o desafio de atender

esta antiga reivindicação. Em muitos morros, devido ao difícil acesso, a única solução foi colocar micro-ônibus. Veio o transporte e com ele um pouco mais de estrutura, com ruas asfaltadas ou melhoradas para circulação de veículos.

Em 2015, após 22 anos de funcionamento das linhas, profilei a líder comunitária do Monte Serrat, Uda Gonzaga para o Jornal Laboratório Zero. Foi durante a entrevista, que Uda, ao falar de sua trajetória nas lutas comunitárias, relatou o dia da inauguração da linha. O que ela disse naquele dia me chamou atenção em três pontos: a recente implantação da linha na comunidade, a forte presença política descrita pela fonte e o episódio da inauguração da linha que contou com a presença de Luiz Inácio Lula da Silva, na época presidente do Partido dos Trabalhadores (PT).

Ao pesquisar mais fundo sobre a história da comunidade encontrei muitos trabalhos acadêmicos sobre o Monte Serrat. São livros, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações que abordam questões sociais e físicas do local. Entretanto, a implantação do transporte público na comunidade é brevemente abordada. A obra de Eliane Veiga: *O Transporte Coletivo em Florianópolis*, um dos materiais mais completos que tive contato, nas suas 500 páginas sobre a história dos transportes na cidade, traz três sobre o programa Transporte no Morro, mas não cita a participação da comunidade, ou investiga como a implantação impactou a vida dos moradores do maciço.

Tendo em vista a recente inserção de linhas nos morros, a particularidade da conjuntura política do início dos anos 90, e o pouco material encontrado sobre o episódio, a grande reportagem multimídia *Próxima parada: Monte Serrat. O itinerário da recente história do*

Transporte Coletivo na comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz procurou trazer histórias de moradores desta região nos seus esforços diários para chegar às escolas, trabalhos e realizar outras atividades fora de sua comunidade sem o auxílio do transporte público, a fim de mostrar de que forma os residentes no Monte Serrat foram privados por décadas de direitos básicos como água, luz e transportes. A reportagem também aborda como funciona o transporte nos dias de hoje no morro. Sempre com a preocupação de proporcionar à comunidade o protagonismo e sua história, valorizando seus relatos.

2.1 O histórico

Com as reformas urbanas que iniciaram na década de 1920, ocorreram também, remoções de habitantes das residências mais humildes da área central da cidade, como afirma Barbosa (2007).

Junto a essas modificações físicas da cidade era preciso igualmente “limpar” a área central e para tanto se fazia necessário a retirada de alguns estratos indesejáveis da sociedade da época, dentre eles os negros que viviam em cortiços e que foram mandados para outras áreas da cidade, alguns deles subiram os morros que rodeiam o centro.

Segundo a tese de doutorado *Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis*, de André Luiz Santos, esse foi só um dos três fatores da formação populacional do Monte Serrat. Além da expulsão da população negra das áreas centrais da cidade, com o objetivo de executar obras urbanas sanitárias, ele também cita em seu trabalho a ocupação do território por escravos fugidos e libertos, durante o século XIX, e a migração de população negra empobrecida de Biguaçu e Antônio

Carlos, em meio ao desenvolvimento da construção civil, nas décadas de 1950 e 1960.

Visto que parte da formação das comunidades do Maciço do Morro da Cruz iniciou com a expulsão de moradores da região central da cidade e que foram adotadas em Florianópolis medidas desenvolvimentistas que ignoraram as classes sociais mais baixas, é possível perceber, que desde o começo do século XX, os habitantes de comunidades como Monte Serrat demoraram em ser percebidos como cidadãos pelos governantes da cidade.

Serviços como água encanada só chegaram ao Monte Serrat na década de 1980, sendo que o primeiro reservatório da cidade foi construído em 1909, dentro da comunidade do Maciço, que naquela época passa a ser chamada de Morro da Caixa em referência a Caixa d'Água da cidade.

De acordo com membros do Conselho Comunitário do Monte Serrat, das décadas de 80 e 90, Carlos Cardoso, Maria de Lourdes da Costa Gonzaga (Uda) e João Ferreira de Souza (Teco), o debate sobre o transporte público sempre foi pauta presente nas reuniões do Conselho, e nas negociações com os administradores municipais daquela década.

Mas foi só durante a eleição municipal de 1992 que a pauta dos moradores recebeu a atenção de políticos. Os candidatos Sérgio Grando (PPS) e Afrânio Boppré (PT) anunciaram a implantação de linhas de ônibus no morro como promessa de campanha. Em outubro de 92, a cidade escolheu a Frente Popular, coligação de partidos políticos formada por: PC, PCdoB, PDT, PPS, PSB, PSDB, PT e PV, para administrar a cidade. No livro “Esperança Interrompida”, o vice-prefeito da gestão 93/96, Boppré (2000) afirma que

A vitória da Frente Popular em 1992 se inscreve como interrupção das reiteradas e consecutivas oportunidades que as elites da cidade sempre tiveram em governar Florianópolis.

Apesar da resistência das empresas de ônibus, seis meses após assumir o executivo da cidade, em 13 de agosto de 1993, Sérgio Grando, inaugurou a primeira linha de ônibus no morro, a 113 – Monte Serrat. Nessa época o Monte Serrat já era a mais populosa das comunidades do Maciço. De acordo com dados do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), 2.100 pessoas habitavam a comunidade em 1993.

Hoje, 23 anos depois, com 10 mil habitantes, a linha Monte Serrat conta com ônibus a cada 40 minutos nos dias úteis. Porém, a linha não atende somente esta população, mas também o Alto Caieira, comunidade com início da formação populacional nos últimos dez anos.

2.3 O formato e a plataforma

A crise do jornalismo, o papel do jornalismo digital, e o questionamento sobre a perpetuação do jornal impresso foram assuntos discutidos em sala de aula por toda a graduação. Em meados de 2012, as disciplinas que abordam técnicas de *webjornalismo* mostraram que o texto jornalístico precisava ser curto e objetivo nesse meio. Para uma leitora de revistas, jornais e romances de não-ficção, esses dois cenários me fizeram enxergar a profissão como um lugar inóspito, no começo da graduação.

Entretanto, ainda durante a graduação, os professores identificaram e absorveram uma nova tendência no *webjornalismo*. Longas reportagens em texto com elementos multimídia (*vídeo, fotos, GIFs*) foram apresentados em sala de aula, como uma nova forma de consumir e produzir textos jornalísticos na internet.

As reportagens especiais publicadas no Tudo Sobre, da Folha de São Paulo, no TAB Uol, e no Brio (uma plataforma de reportagens multimídia, feita por jornalistas independentes), são exemplos desta nova

tendência que não somente se manifestou nos veículos online já estabelecidos, como também em iniciativas de jornalismo independente.

Ao trazer a questão “Longform no *webjornalismo*: um paradoxo?” no artigo *O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo*, Longhi e Winkes (2015) problematizam o que chamam de “manifestação contemporânea do *webjornalismo*”. As autoras trazem alguns agentes que interferiram para que ocorressem essas mudanças no hábito de consumo de jornalismo na web: a disseminação dos dispositivos móveis, o surgimento de ferramentas para agregar artigos que podem ser lidos mais tarde e o interesse do público por conteúdo de profundidade.

Desta forma a ascensão da grande reportagem na internet me fez ver um novo espaço para o texto jornalístico de fôlego, atividade que mais procurei exercitar na graduação.

Para Daniel (2004, p. 35), reportagens multimídia como a premiada¹ *A Batalha de Belo Monte* (15 mil palavras, 16 infográficos e 10 vídeos) podem ser classificadas como:

b) especial temático: aborda um tema atual mais amplo, onde a reportagem se aprofunda sobre vários aspectos dentro do tema proposto. Assim, pode se aprofundar em grandes assuntos informativos, e sua apuração e atualização é feita durante um largo espaço de tempo.

Partindo desse conceito, a reportagem *Próxima parada: Monte Serrat - O itinerário da recente história do Transporte Coletivo na comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz* alia alguns elementos da reportagem multimídia (fotografias, vídeos e infografia) com o texto longo, a fim de aprofundar a temática do transporte público na periferia de Florianópolis.

¹Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo em 2014.

Para diagramar o conteúdo da reportagem foi utilizada a plataforma *ReadyMag*. Criada em 2012, a ferramenta de publicação online tem o objetivo de proporcionar que qualquer pessoa seja um publicador de conteúdo.

Com recursos limitados é possível utilizar a plataforma na versão *free*, o que impossibilita, por exemplo, a criação de mais de dez páginas em cada projeto criado. Para evitar essa limitação, foi pago durante dois meses o plano básico da plataforma, chamado *Creator*, com custo de R\$ 80 ao todo. O portal americano *The Huffington Post*² utiliza a plataforma para publicar especiais temáticos.

² Catálogo de reportagens do portal *The Huffington Post*, editadas no *Readymag*: <http://testkitchen.huffingtonpost.com/stories/>. Acesso em 4 de julho de 2016.

3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

3.1 Pré-apuração

Como anteriormente registrado neste relatório, a primeira vez que subi na comunidade do Monte Serrat foi o primeiro semestre de 2015, para apurar uma reportagem para o Jornal Laboratório Zero. Naquela data, a fonte, Uda Gonzaga, relatou um fato que eu desconhecia sobre a história da cidade: a recente implantação da linha no morro. No semestre seguinte, quando cursei, concomitante, as disciplinas Redação VI e VII, me propus pesquisar a história mais ao fundo para produzir duas reportagens, uma para Redação VI, de oito mil caracteres e outra para Redação VII de 12 mil caracteres.

Já familiarizada com o tema, e sabendo que outros caminhos eu poderia seguir para saber mais sobre a história, decidi por apurá-la melhor para o Trabalho de Conclusão de Curso.

3.2 Apuração

A apuração da Grande Reportagem Multimídia esteve organizada em três etapas distintas. A primeira, ou como escolhi chamar **Apuração 1**, consistiu em entrevistas com moradores do Monte Serrat. Essa foi a etapa que transpassou os três meses (março, abril e maio) de apuração de toda a reportagem. A perspectiva de apurar profundamente o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, após escrever duas reportagens sobre o tema, me desafiou em decidir de que forma eu poderia expandir a apuração. O meu próprio desafio transformou-se na ideia de imergir na comunidade por três meses.

Essa decisão também foi influenciada por interessantes experiências de apuração jornalística que tive no ano de 2015. Em agosto daquele ano viajei para Goiás para o 54º Congresso da UNE, evento de formação e deliberação dos movimentos estudantis brasileiros. Mesmo não

fazendo parte do movimento estudantil, passei quatro dias em Goiânia acompanhando o evento, dormindo em alojamentos com os estudantes, a fim de produzir uma reportagem sobre o evento e o atual momento do movimento estudantil.

A segunda experiência ocorreu em 25 de dezembro de 2015, quando viajei para Santos (SP), e passei o natal com os adolescentes que ocupavam há três meses a Escola Estadual Azevedo Júnior, para também escrever uma reportagem sobre os estudantes que passaram a data comemorativa juntos na ocupação, para o Coletivo Independente de Mídia Maruim.

Nessas experiências tive a oportunidade de olhar para realidades, eventos pessoas que nunca havia tido contato. Tanto nessas duas apurações, como na apuração no Monte Serrat, o objetivo era imergir naquelas realidades desconhecidas por mim, tentando não criar ou, então, se libertar das expectativas do que iria encontrar na comunidade. Ao pesquisar as formas de apuração que incluíssem esse tipo de experiência escolhi pela metodologia de observador-participante, que Amaro (2004, p. 2, tradução minha) conceitua da seguinte forma:

Neste tipo de método investigativo, o principal instrumento de pesquisa é o próprio jornalista-investigador. Ele observa os locais, os objetos e os símbolos, bem como as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais, as maneiras de fazer, de estar e de falar, presta atenção às situações, aos ritmos, aos acontecimentos. Participa de alguma maneira, no cotidiano desses contextos e dessas pessoas. Conversa com elas; por vezes entrevista-as mais formalmente. É frequente encontrar “informantes privilegiados”, interlocutores preferenciais com quem contata mais intensamente ou de quem obtém informações sobre aspectos a que não pode ter acesso direto.

A **Apuração 1** começou já durante a procura por uma casa para alugar no Monte Serrat, que ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 2016. Depois de visitar cinco quitinetes, escolhi por morar no Alto Caieira, comunidade que divide a mesma rua com o Monte Serrat (Rua General Viera da Rosa), e onde está o ponto final da linha 764 – Monte Serrat. Deste período até final de maio conversei e convivi com moradores das duas comunidades. Nas curtas conversas, nos pontos de ônibus, dentro do ônibus, na padaria, na rua não me apresentei como alguém presente na comunidade com o objetivo de resgatar a história da implantação da linha de ônibus.

Quando as conversas revelavam histórias interessantes sobre a relação do transporte público com a vida das pessoas, ou quando eu decidia ir à casa de algumas pessoas para conversar sobre o tema, me apresentei como estudante de jornalismo em processo de desenvolvimento de um trabalho sobre o início da subida dos ônibus no Monte Serrat. Mas até nesses casos o roteiro de perguntas foi subtilizado. Normalmente saía de casa com três ou quatro questões, o que possibilitou uma interação diferenciada com o entrevistado, apesar de a maioria das entrevistas de carácter citadas acima foram feitas com um gravador. Sobre esse tipo de interação em entrevistas, Roviça (2015) se baseia em Cremilda Medina para dizer que

A entrevista é uma técnica de interação social cuja finalidade é o inter-relacionamento humano (Medina, 2008, p. 8). A autora se baseia em Edgar Morin e em Carl Rogers para estabelecer paralelos entre a sociologia e a psicanálise, de um lado, e o jornalismo, de outro. Assim, ela propõe que a entrevista jornalística seja desenvolvida com base em uma postura dialógica, não-diretiva (Rogers) em que jornalista e fonte se colocam em uma verdadeira interação.

Para cumprir com o objetivo de proporcionar à comunidade o protagonismo de sua história o projeto experimental pretende usar técnicas da História Oral, que tem como definição um conjunto de relatos sobre fatos não registrados por meio de documentação. As técnicas utilizadas na História Oral serão: coletânea de narrativas e análise cruzada. Elas foram conceituadas por Marta Regina Maia (2006, p.9 e 10) de acordo com sua leitura do trabalho do historiador Paul Thompson.

O segundo modo definido por Thompson é a 'coletânea de narrativas', que pode agrupar várias histórias em torno de temas comuns. A rememoração de datas históricas, por exemplo, pode ser complementada pelos relatos orais de pessoas que vivenciaram determinadas situações. Tanto pode ser usada na entrevista conceitual como na investigativa, afinal muitas questões poderão ser descortinadas a partir de determinados depoimentos. A terceira forma levantada por Paul Thompson é a da análise cruzada: 'a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo' (1999, p. 304). Um pouco mais difícil de ser concretizada nos parâmetros dos meios convencionais de comunicação, poderá ser um pouco mais utilizada na produção de livros-reportagem, por exemplo.

A segunda etapa, a **Apuração 2**, consistiu em entrevistas com políticos da década de 90 e técnicos em transporte público. Foi nessa etapa que o roteiro de perguntas foi mais utilizado. Na terceira etapa, a **Apuração 3**, o objetivo era recolher dados que trouxessem informações sobre os resultados da implantação do transporte nos morros da capital. As entrevistas feitas na etapa anterior, a **Apuração 2**, auxiliaram nessa última etapa, já que as fontes indicaram em que lugares eu poderia achar esses dados. A pesquisa por notícias publicadas no dia seguinte à inauguração foi feita na Biblioteca Pública de Santa Catarina, durante a pré-apuração.

Em um primeiro momento montei somente uma pauta em vídeo, que consistiu na gravação da leitura de uma ata de 1993, do Conselho Comunitário, ocasião que prefeito e vice-prefeito estavam presentes. Durante a apuração e a utilização da linha 764 – Monte Serrat surgiram as pautas presentes na reportagem, como: quando o ônibus quebra, quando ônibus atrasa. Procurei sempre estar com a câmera fotográfica na mochila para poder registrar o que pudesse gerar um vídeo, o que possibilitou a produção dos vídeos.

3.2.1 Fontes

Algumas conversas que tive sobre o início da subida dos ônibus, com moradores, cobradores e motoristas de ônibus, foram tão informais que não coube o questionamento sobre o nome ou sobrenome dessas pessoas, por esse motivo há fontes que não serão listadas aqui, e outras que aparecerão nesta lista sem o sobrenome.

Escolhi por especificar a idade ao lado do nome de algumas fontes, para situá-las na história que apurei neste trabalho.

Afrânio Boppré

Vice-prefeito de Florianópolis 93-96

Anderson Ferreira, 42 anos

Morador e membro do Conselho Comunitário do Monte Serrat

Babyton Santos, 33 anos

Morador e membro do Conselho Comunitário do Monte Serrat

Carlos Cardoso

Ex-morador do Monte Serrat

Conceição Passos

Servidora pública na Secretaria de Mobilidade de Florianópolis

Darcy de Brito, 78 anos

Moradora e fundadora do Conselho Comunitário do Monte Serrat

Emily, 11 anos

Moradora do Monte Serrat e estudante do Colégio Marista

Flávia (16 anos), Vanderléa e Jaqueline

Moradoras do Alto Caieira

Jaimiro Cardoso, 60 anos

Morador do Monte Serrat

Jaison Cervi

Tecnologista em informações Geográficas e Estatísticas (IBGE)

José Eugênio

Técnico em Segurança do Trabalho da Transol

Daura Coelho Veloso, 88 anos

Moradora do Monte Serrat

Marlene Veloso, 56 anos

Moradora do Monte Serrat

Lúcia Veloso, 57 anos

Moradora do Monte Serrat

Márcio de Souza

Vereador de Florianópolis 93-96

Elizabeth Ferreira, 68 anos

Moradora do Monte Serrat

Névio de Carvalho

Gerente do Núcleo de Transporte de Florianópolis 93-96

Paulino Cardoso, 49 anos

Ex-morador do Monte Serrat e Professor de história na UDESC

João Ferreira de Souza (Teco), 79 anos

Morador do Monte Serrat

Jorge Batista

Cobrador das linhas Monte Serrat e Ângelo Laporta

Ana Cardoso, 34 anos
Moradora do Monte Serrat

Patrícia
Secretária da empresa Transol

Maria de Lourdes Gonzaga (Uda), 76 anos
Moradora do Monte Serrat

Marli Berlamino Veloso, 49 anos
Moradora do Monte Serrat

Rogério Paulo da Silva, 50 anos
Moradora do Monte Serrat

Rosemeri Melo de Souza
Presidente do Conselho Comunitário do Caieira do Saco dos Limões

Sérgio Grando
Prefeito de Florianópolis 93-96

Vilson Groh
Padre e morador da Comunidade desde 1980

**Do Mar ao Morro: a geografia histórica
da pobreza urbana em Florianópolis**
Tese de doutorado de André Luiz Santos

Ensaio sobre a rua: a geografia histórica
Trabalho de Conclusão de Curso de Julia de Faveri

**Negros em Desterro - Experiências das populações
de origem africana em Florianópolis**
Tese de doutorado de Paulino Cardoso

Relatórios do Núcleo de Transporte 1993, 1994 e 1995
Acesso na Casa da Memória de Florianópolis

3.3 Produção: texto, interface e elementos multimídia

Ainda morando na comunidade, com a maior parte das entrevistas já realizadas, comecei a pensar em como estruturar a história que eu queria contar. Montei um ‘esqueleto’ da reportagem dividindo-as em quatro abordagens. Sem especificar os títulos, mas sim as ideias de cada capítulo, os tópicos ficaram definidos da seguinte forma: 1) O descaso com os direitos da comunidade, 2) A luta do Conselho Comunitário e dos moradores, 3) A inauguração da linha e a conjuntura política e 4) O transporte público nos dias de hoje. O que resultou em uma estrutura cronológica para a grande reportagem. Durante a experiência de imersão nos três meses de apuração e o constante ato de anotar conversas que ouvia no ônibus e interações entre os moradores me fez perceber que havia a possibilidade de incluir neste trabalho pequenas reportagens-crônicas. Sodré e Ferrari conceituam a reportagem-crônica da seguinte maneira:

Digamos que a reportagem-crônica se detém mais em situações fortuitas e flagrantes do cotidiano; a condução narrativa é, quase sempre, de caráter impressionista, o narrador numa posição observadora ou reflexiva. (...) O que estamos chamando de reportagem-crônica, portanto, tem caráter mais circunstancial e ambiental. Sendo pequena, não é notícia, nem tem a abrangência da grande reportagem.

Esta organização também serviu para delimitar a forma de diagramar o conteúdo na plataforma *Readymag*. Assim, a reportagem ficou dividida em capítulos, ou seja, seções. Apesar disso, a escolha por explorar os recursos multimídias aliados a textos de apuração de fôlego resultou em uma navegação verticalizada da reportagem.

Depois de organizar o que eu poderia abordar em cada tópico, comecei a escrever os textos na primeira semana de junho, quando já estava

fora do local de apuração. Nas três semanas seguintes escrevi os 55 mil caracteres desta reportagem.

Se na apuração presei por recolher relatos dos moradores, durante a produção do material decidi por valorizar esses relatos dando destaque para os depoimentos. Também para valorizar as falas, não houve correção gramatical. Desta forma, por toda a reportagem há falas de moradores que complementam a narrativa, mas não inteiram os textos:

começou custando cerca de 70 centavos, o salário mínimo era de cerca de R\$ 70.

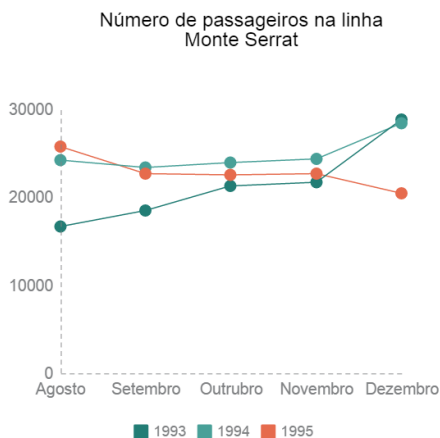
“O Grando viu duas coisas. O que nós pagava de táxi, pra trazer a gente aqui em cima, era um dinheiro que poderia permitir que a gente trouxesse mais uma saca de feijão, uma de arroz, açúcar do mercado. Depois do ônibus, começou a sobrar dinheiro no bolso.”
Teco.

“O morro estava em festa”, lembram aqueles que às 17h já

Os resultados da **Apuração 3** trouxeram dados de utilização do transporte nos três primeiros anos após a implantação da linha, e dos quatro primeiros meses de 2016, como também gráficos da população. Os dados mais antigos só foram conseguidos em relatórios impressos, ou seja, foi preciso coloca-los em tabelas. Já os dados atuais de população e do transporte foram enviados em tabelas, o que facilitou a produção de infográficos.

Para a visualização desses dois grupos de dados foram utilizadas as ferramentas *PikToChart* e *Infogram*, serviços online que permitem que usuários criem seus próprios infográficos. As duas ferramentas foram utilizadas na versão

gratuita. Um exemplo de infográfico apresenta neste trabalho pode ser visto abaixo:

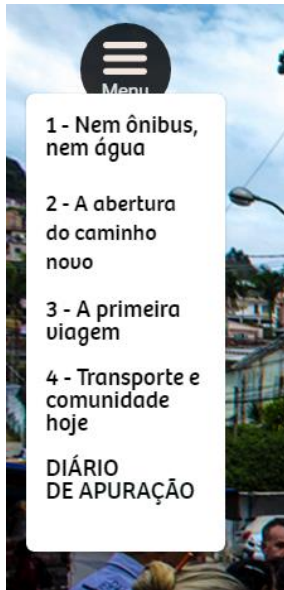


Fonte: Relatório do Núcleo de Transportes Florianópolis
Infográfico: Priscila dos Anjos

Dois infográficos que integram a reportagem foram feitos nos *softwares* da Adobe *Photoshop* e *Illustrator*. São eles a Linha do Tempo e o Pontos do Monte Serrat.

Recursos multimídias, como slides shows, mapas, botões foram utilizados conforme a necessidade apresentada em cada parte da narrativa, seja para ilustrar algo descrito anteriormente ou acrescentar informações sem quebrar o ritmo da reportagem.

Após a diagramação do texto e dos recursos multimídias, criei dois tipos de menu. Um no início de cada página, localizado na parte superior esquerda:



E outro menu no final de cada capítulo:



A seta posicionada acima do menu localizado no final de cada capítulo, possui um link que direciona para o capítulo seguinte.

4. CUSTOS

Equipamentos				
	Item	Quantidade	Valor	Recurso
	Câmera fotográfica Canon T5	1	R\$ 2000	Próprio
	Notebook Inspiron 14 Dell	1	R\$ 2000	Próprio
	Tripé	1	R\$ 95	Labfoto
Apuração e produção				
	Aluguel de quitinete	3 meses	R\$ 1650	Próprio
	Transporte	144 passes escolares	R\$ 216	Próprio
	Plataforma <i>Readymag</i>	2 meses	R\$ 80	Próprio
	Alimentação	3 meses	R\$ 480	Próprio
Total			R\$ 6426	

5. APRENDIZADOS E DIFICULDADES

Nos últimos meses do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina venho refletindo sobre a responsabilidade do repórter com as histórias que lhe são contadas. A reflexão foi impulsionada por um episódio na apuração deste trabalho, quando visitei Uda Gonzaga, e fui questionada sobre um perfil que publiquei no Zero Jornal Laboratório, sobre a líder comunitária. Na ocasião Uda mostrou-se constrangida com a maneira que descrevi a sua relação com Esperidião Amin.

A partir desse episódio comecei a me questionar sobre tudo que havia produzido no curso. Durante a apuração fiz uma leitura parcial do livro *Olho da Rua* de Eliane Brum, uma coletânea de reportagens publicadas na revista *Época*. Após cada reportagem a jornalista comenta sobre como foi apurar aquela história. Em uma das pautas, Eliane Brum passou alguns dias morando em um asilo, e relatou o que viu e viveu por lá na reportagem. Em seu comentário, a repórter afirmou que aquela foi uma das melhores reportagens que publicou, mas que após a repercussão negativa do texto na visão dos moradores do asilo se arrependeu de ter tomado algumas decisões. Uma delas foi expor a vida íntima dos idosos na reportagem. O constrangimento da repórter a impediu de voltar ao asilo, como havia prometido a si mesma.

A leitura desse comentário me ajudou a perceber o motivo de eu não ter ficado bem com a reação de Uda ao meu texto. Foi a partir daí que comecei a decidir melhor o que poderia ou não entrar nesta reportagem. Escolhi por identificar quando a informação, que pudesse causar constrangimento às fontes, ultrapassava o íntimo, e transformava-se de interesse público.

Foi com base nessa reflexão que não relatei informações que tive contato em entrevistas, já que poderiam ferir a segurança de alguns

moradores do Monte Serrat. No caso de Uda Gonzaga, por exemplo, decidi por continuar descrevendo sua relação com Amin, pois percebi durante a apuração os benefícios que cabos eleitorais recebem há mais de 30 anos no morro, em detrimento da situação socioeconômica da comunidade.

Durante toda a apuração, quando explicava aos moradores o trabalho que estava desenvolvendo, havia uma resposta pronta: você precisa falar com o Seu Teco e Dona Uda. A maioria das fontes não se sentia capacitada para falar sobre uma época em que se viveu no morro sem transporte público. Era sempre preciso falar com quem sabia mais. Depois que eu revelava que já havia conversado com aquelas pessoas, e explicava que eu via com importância o relato de todos os moradores que vivem na comunidade pelo menos nos últimos 23 anos, a entrevista ocorria sem problemas.

Em conversa com o professor de História da UDESC, Paulino Cardoso, ex-morador do Monte Serrat, ele comentou: “No morro, eles têm as memórias estabelecidas. Quem são essas memórias? O Teco, a Dona Uda por exemplo. Só que isso pode ser ruim porque é uma memória institucionalizada. É uma voz autorizada”. Esse comentário casou exatamente com as experiências que eu estava vivenciando nas entrevistas. A partir daí, minha procura por fontes da comunidade que não foram abordadas em trabalhos acadêmicos e reportagens ficou mais intensa e consciente. Apesar deste cuidado, não deixei de retratar o protagonismo das fontes que são sempre procuradas.

Ao escolher por valorizar os relatos dos moradores, por vezes, me deparei com decisões que precisavam ser feitas, como analisar de acordo com cada relato as datas dos acontecimentos, sem ter contato com documentos públicos. Para descobrir a data do episódio da inauguração do ônibus foi preciso procurar em acervo de jornais do ano de 1992 e 1993, já que as fontes da pré-apuração, como Afrânio Boppré e Uda Gonzaga, não

tinham certeza do ano da inauguração. Mas sobre os detalhes da inauguração, pessoas como o técnico em segurança do trabalho da Transol, José Eugênio, não lembravam se o ônibus havia subido o morro naquele 13 de agosto de 1993. A confirmação veio nas entrevistas de três pessoas que subiram o morro de ônibus naquele dia.

Como descrito anteriormente passei, três meses morando no local de boa parte da apuração da reportagem. Apesar de sempre ter morado em Florianópolis, sou natural de São José/SC. Por isso, a ideia de residir, pela primeira vez sozinha, mas na mesma cidade que moro há 23 anos, soou estranha para muitas pessoas. Entretanto, fez muito sentido para mim como já justificado neste trabalho. Explicar para os pais foi mais fácil do que pensei. Assumi todos os custos da empreitada, que nos três meses consumiu boa parte do que eu recebia de um estágio em uma empresa, onde trabalhava seis horas por dia. Além da ajuda com a mudança, e a disponibilidade para me ajudar no que fosse preciso, a família custeou a compra de uma câmera semi-profissional e de um computador.

Morar sozinha, apesar da estreia, não foi um problema. No começo fui ingênua em pensar que as pessoas não riam perceber que eu acabara de me mudar. No primeiro dia já me perguntaram de onde eu vinha, e nas primeiras duas semanas percebi que no ponto de ônibus, por exemplo, era observada como alguém novo na comunidade.

Antes de começar a produzir a grande reportagem, após quase dois meses de apuração, a quantidade de informação coletada e as vivências no Monte Serrat, me deixaram ansiosa por uma estruturação do conteúdo. Antes da estrutura adotada para este trabalho, rabisquei, fiz mapas mentais³, e não descansei até formular um ‘esqueleto’ coerente para a reportagem.

³ Um mapa mental é um diagrama que se elabora para representar ideias, tarefas ou outros conceitos.

Todas as funções foram desenvolvidas por mim. Fotografias, vídeos, textos, infografia e disposição do conteúdo na plataforma *Readymag*. O planejamento da reportagem feito durante o pré-projeto possibilitou que tudo fosse feito nos três meses de apuração.

6. REFERÊNCIAS

AMARO, Vanessa Fernandes. **Vivendo na pele do outro**. A observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil. Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2004.

ARAÚJO, Camilo Buss. **A Sociedade Sem Exclusão do Padre Vilson Groh**. Florianópolis: Insular, 2000.

BARBOSA, Mário Davi. **Comunidade, identidade e exclusão**: Uma Abordagem da luta dos moradores da comunidade Monte Serrat pelos direitos humanos. Florianópolis: [s.n.], 2010.

BOPPRÉ, Afrânio. **Esperança Interrompida**. Cenários e bastidores de uma disputa com a direita em Florianópolis/1996. Florianópolis: Insular, 2000.

BRUM, Eliane. **Olho da Rua**. São Paulo: Globo, 2008.

CARDOSO, Paulino. **Negros em Desterro - Experiências das populações de origem africana em Florianópolis**. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

DANIEL, Priscila Berwaldt. **A distribuição do conteúdo no especial multimídia**: desconstrução cartográfica de A Batalha de Belo Monte. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

FAVERI, Júlia de. **Ensaio sobre a rua: a geografia histórica**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

FERRARI, Maria Helena; Sodré, Muniz. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

FREITAS, Priscila Cristina. PASSOS, Joana Célia dos. “Quem você pensa que é sem a força da mulher”: dona Uda entre a educação e o samba. **6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**. Canoas, 2015.

FUSER, Igor **A Arte da Reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996.

LONGHI, Raquel; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o

consumo. **Estudos de Jornalismo do XXIV Encontro Anual da Compós.** Universidade de Brasília: Brasília, de 9 a 12 de junho de 2015.

MAIA, Marta Regina. **A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística.** São Paulo: Contratempo, 2006.

SIMON, Cedenir Alberto. **Narrativas e memórias de sindicalistas: tensões e repercussões na implantação do sistema integrado de transporte em Florianópolis/SC.** Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2010.

ROUCHOU, Joëlle. Entrevista na história oral e no jornalismo. **ANPUH – XXII Simpósio nacional de história.** João Pessoa: 2003.

SAITO, Silvia. **Estudo analítico da suscetibilidade a escorregamentos e quedas de blocos no maciço central de Florianópolis-sc.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SOUZA, Alexandre Afonso de. **Nas páginas do diário catarinense: uma visão do transporte coletivo de Florianópolis através da grande imprensa (1993-2008).** Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.

TEIXEIRA, Luis Eduardo Fontoura. **Arquitetura e Cidade: a modernidade em Florianópolis, Santa Catarina – 1930-1960.** São Carlos, 2009.

TOMÁS, Elaine Dorighello. **Antigos e novos olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz: de não território a território do PAC-Florianópolis.** Tese (Doutorado em Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.

VEIGA, Eliane. **Transporte Coletivo em Florianópolis.** Florianópolis: Insular, 2004.

SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Geografia, Florianópolis, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

